

**CHÃO DE SENTIMENTOS: O TERRITÓRIO CERRADO E AS
TERRITORIALIDADES CERRADEIRAS NA POESIA DE BERNARDO ÉLIS**

**GROUD OF FEELINGS: CERRADO TERRITORY AND CERRADO
TERRITORIALITIES IN BERNARDO ÉLIS POETRY**

**PISO DE SENTIMENTOS: EL TERRITORIO CERRADO Y LAS
TERRITORIALIDADES DEL CERRADO EM LA POESÍA DE BERNARDO
ÉLIS**

Karla Teixeira de Aguiar Nascimento
Mestranda em Geografia PPGeo/ UEG
karlauegeo@gmail.com

Wanderson Alves Barbosa
Mestrando em Geografia PPGeo/ UEG
gowanderson@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um estudo da relação da obra poética do escritor Bernardo Élis com o Cerrado enquanto território e com as múltiplas territorialidades que desprendem de sua área e de seus povos. Emoções, sentimentos e poesia relacionada à geograficidade cerradeira nos acompanham nesse trabalho que discute poemas de “Primeira Chuva”, única obra poética desse autor. Logo, busca-se dialogar com a obra numa perspectiva humanista que interage com a paisagem sertaneja tratada por teóricos que discutem território e territorialidade e traçam uma ponte entre a realidade das áreas de Cerrado goiano e sua retratação na escrita desse consagrado autor.

Palavras-chave: Território-Cerrado. Territorialidade. Bernardo Élis.

Abstract

This article presents a study of the relationship of the poetic work of the writer Bernardo Élis with the Cerrado as territory and with the multiple territorialities that detach from its area and its people. Emotions feelings and poetry related to the geographically cerrado accompany us in this work that discusses poems from "Primeira Chuva", the only poetic work of this author, it seeks to dialogue with the work in a humanistic perspective that interacts with the landscape of the Cerrado treated by theorists who discuss territory and territoriality and draw a bridge between the reality of the areas of Goiás Cerrado and its portrayal in the writing of this renowned author.

Keywords: territory-Cerrado, territoriality, Bernardo Élis.

Resumen

Este artículo presenta un estudio de la relación de la obra poética del escritor Bernardo Élis con el Cerrado como territorio y con las múltiples territorialidades que se desprenden de su área y su gente. Los sentimientos y la poesía relacionados con el cerrado geográficamente nos acompañan en este trabajo que discute los poemas de "Primeira Chuva", la única obra poética de este autor, que busca dialogar con la obra en una perspectiva humanista que interactúa con el paisaje del Cerrado tratado por los teóricos que discuten el territorio y la territorialidad y trazar un puente entre la realidad de las áreas de Cerrado de Goiás y su retrato en la escritura de este reconocido autor.

Palabras clave: territorio-Cerrado, territorialidad, Bernardo Élis

INTRODUÇÃO

A análise geográfica através da literatura como instrumento cultural expõe o movimento de popularização da ciência, o que evidencia as possibilidades interpretativas das produções humanas e os arranjos da organização da categoria território Cerrado e seus desdobramentos.

Esta leitura também nos aponta a Geografia como uma ciência de dizeres múltiplos, isto é, uma lente que permite olhar o mundo por distintos vieses, que desafia a escrita geográfica e aponta outros adentramentos que estão para além da compreensão das categorias, que fogem aos moldes acadêmicos. Assim, o sujeito que usa da escrita literária para tocar paisagens, visibilizar problemas sociais, ou tratar de temas sensíveis da geografia, tem em suas mãos um mecanismo que dialoga com o “imaginativo acadêmico” e com o uso “sistemático da linguagem” (CHAVEIRO, 2015).

Nesse sentido, a obra de Bernardo Élis desempenha um papel fundamental no descortinar das paisagens sertanejas, nos dizeres de mundos. Em “Primeira Chuva” o autor nos apresenta de forma despretensiosa a cosmologia existente entre a natureza e os sujeitos que a transforma, aspecto este que destoa de suas demais obras, que ressaltam problemas estruturais de Goiás, tendo em vista o coronelismo, conflitos no campo, a vida exaurida na roça, além de outros aspectos imbricados ao contexto ruralista goiano, mesmo que a exploração de povos originários se faça presente na escrita metafórica aqui analisada.

De forma primorosa, Élis nos possibilita uma experiência literária com vivências poéticas, sensíveis, que nos revelam uma matéria fértil de vínculo do sujeito

com a natureza e da natureza com ela mesma, considerando o tempo como seu principal norteador, assim Goiás e suas configurações se revelam para o leitor que desbrava este mundo compreendido no território Cerrado.

A partir disso, propõem-se aqui uma interpretação da obra “Primeira Chuva” através do olhar geográfico, que possibilitar-se-á enxergar as inúmeras formas de concepção do mundo sertanejo que passa nas quatro linhas de Cerrado, que está ao alcance dos povos que tocam o rés do chão. Desse modo, dialogar-se-á com valores culturais cerradeiros no espaço vivido para revelar a dimensão das territorialidades construídas ao longo de um tempo histórico a partir da relação homem e natureza.

Para tanto, buscou-se compreender o território Cerrado também como natureza viva presente (ALMEIDA, 2005) na escrita de Bernardo Élis, que desnuda, de forma sutil, as relações ali estabelecidas para a configuração das territorialidades.

Então, tem-se, no primeiro momento, a apresentação da categoria através do diálogo entre autores precursores como Raffestin, mas também se horizontaliza a discussão, aproximando-a de uma teórica popular (Haesbaert, Saquet, Almeida), uma vez que, o realismo presente na literatura de Élis retrata a vivência do povo, o modo de vida rural, elementos estes ligados ao saber feito de “experiências, práticas, hábitos culturais que não obrigatoriamente é um conhecimento formalizado, embora sempre tenha uma forma.” (SAQUET, 2021, p. 91).

Em um segundo momento da análise, o território é compreendido a partir da poesia de Élis, e por último, apontam-se as territorialidades e a cosmologia existentes nas narrativas que discernem alguns sentidos para quem propôs o texto, mas principalmente para o leitor intérprete dos dizeres geográficos.

Território Cerrado

O território, nos últimos anos, é considerado a ‘menina dos olhos’ da geografia, aparece como a categoria que mais apresenta interesse de pesquisas, junto a estes estudos, também são levantadas as críticas envolvendo leituras que destoam do cerne precursor da análise territorial. Falado isso, compreende-se ser fundamental o adentramento ao traçado epistêmico do território para entender sua configuração e desdobramentos ao longo de suas abordagens, assim não se abandona referências como Karl Marx, Antonio Gramsci, Élisée Reclus, Piotr Kropotkin, Claude Raffestin. Mas parte-

se delas para se chegar ao território abordado por Almeida e sua análise culturalista (2005), Haesbaert (2021) com o corpo-território, Saquet (2022) com os territórios populares, Bartoli (2018) ao abordar o sentir pensar através da cotidianidade de povos indígenas e tantos outros que têm contribuído para a fundamentação teórica da categoria a partir de abordagens metodológicas distintas.

Acrescentando, a marca dos estudos territorialistas perpassa aos fatores de produção que instigam pesquisadores a buscarem pela sua ‘razão de ser’. Considerando-a como uma interpelação, é nítida a necessidade de compreensão do território pela forma, seja ela socioeconômica, pela atuação do Estado, do capital ou puramente através das dinâmicas coletivas ligadas a comunidades tradicionais e povos indígenas que desenvolvem uma relação integrativa, mantendo o vínculo com a natureza, pois não há separação. Mas é notório que dentro de uma perspectiva capitalista atravessada pela força voraz da produção do lucro, esta “natureza exteriorizada é vista como produtora de mercadorias” (PELÁ E MENDONÇA, 2010).

Esta concepção de território concebida pela dominação se faz presente em estudos que norteiam Claude Raffestin, um grande nome da Geografia, o qual revela em sua obra Geografia do Poder o conceito através da força exercida tanto pela produção material quanto pelos termos jurídico-políticos. O autor mostra a complexidade intrínseca à categoria de análise no trecho a seguir:

Se há uma palavra rebelde a qualquer definição, essa palavra é poder. "Por quê? Por consistir em atos, em decisões, ele se representa mal. É presente ou não, atual — em ato — ou não." Contudo, não é possível nos restringirmos a essa declaração de impotência que nos confina a uma constatação de derrota. É preciso agir por meio de aproximações sucessivas. (RAFFESTIN, 1993, p. 51).

Presente em leituras que permeiam o Estado-Nação e seus limites fronteiriços, o território tem sua origem na Geografia Política, assim para a sua compreensão é necessário a interpretação dos conflitos existentes nesta relação entre apropriadores e apropriados. Nesse sentido Souza (2006, p. 78), coloca:

O território surge, na tradicional Geografia Política, como o espaço concreto em si (...), que é apropriado, ocupado por um grupo social. A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto... E mais: os limites do território não seriam, é bem verdade, imutáveis – pois as fronteiras podem ser alteradas, comumente pela força bruta – mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo,

pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território e, por tabela, com o poder controlador desse território (...). (SOUZA, 2006, p. 84)

Considerando elementos etimológicos abordados por Fernandes (2013), a palavra território origina-se do latim *terretorium*, “tem seu significado primário – grande área ou extensão de terra delimitada — que é a definição mais simples e universal”, ou seja, aquela que é aceita e citada em qualquer lugar onde não se aceite dialogar com a amplitude do termo ou que a necessidade seja simples e não precise flertar com a dinamicidade e com a diversidade que esse termo carrega em si. Dessa forma, compreender o território é também pensá-lo para além das ideologias hegemônicas, pois ao mesmo tempo em que é um instrumento do poder político é também um espaço de identidade cultural (SILVA, 2014).

Nesta perspectiva de construção pós-moderna de espaço-tempo a partir do território, é necessário perceber a análise territorialista construída através da relação de poder em várias escalas, “mas é importante apontar os processos que dão sentido e valor ao território” (FUINI, 2014). Consideram-se então os modos de compreensão e concepção da realidade social, cultural, que ao serem abordadas causam incômodo ao pensamento estrutural racional e hegemônico.

Assim, Fiuni (2014) estabelece relação direta com a proposta de Haesbaert (1997, 2004, 2007 e 2009), que através de seu tripé dialético “territorializar, (des)territorializar e (re)territorializar (T-D-R)” pensa o território como uma categoria modelada a partir de novos paradigmas teórico-metodológicos e novas *práxis* da Geografia.

Saquet (2022, p. 109) compreende o processo de T-D-R como “simultâneo, que apresenta duração e ruptura entre sociedade e natureza, cosmologia e ritos, técnicas e tecnologias, cores e sabores”. O referido autor ainda dialoga com Raffestin (1993) ao afirmar que os arranjos configurados pela tríade territorial (TDR) assemelham-se ao “sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo”.

Tanto nas abordagens de Raffestin, Haesbaert, Saquet sobre a conceituação de território e territorialidade, o território vem primeiro, pois conforme Haesbaert (2004, p. 169), a categoria se estabelece através de suas “multiplicidades incorporadas por seus agentes que devem ser distinguidos em espaço e tempo, pois as razões do controle social pelo espaço variam conforme sociedade ou cultura, o grupo, e muitas vezes, com o

próprio indivíduo”.

Já a territorialidade apresenta incorporadas dimensões políticas, econômicas e culturais. Para Haesbaert (2004, p. 169), ela se define a partir da relação estabelecida entre o “sujeito e a terra, como estes agentes se organizam no espaço e como dão significado ao lugar”, evidenciando a ordem abordada pelos autores.

Nesse sentido, o território Cerrado se revela antes das territorialidades trazidas por Bernardo Élis em “Primeira Chuva”, assim tem-se o Cerrado visto pelo viés da biodiversidade definido por Pinto e Diniz-Filho (2005, p. 115) como:

(...) a variedade dos organismos considerada em todos os níveis, desde variações genéticas de uma mesma espécie até a sua organização em gêneros, famílias e outros níveis mais complexos de interação ecológica, tais como a variação de ecossistemas, envolvendo tanto as comunidades de espécies que existem em um dado habitat quanto às condições físicas nas quais vivem”.(PINTO e DINIZ-FILHO, 2005, p. 115).

Os autores supracitados evidenciam que a gama de espécies presentes na biodiversidade do Cerrado goiano está exposta à expansão da fronteira agrícola tecnológica, assim como ao crescimento populacional. A crescente ocupação humana nestas áreas de Cerrado tem causado perda da biodiversidade, transtornos irreversíveis a partir do que Gonçalves (2022) chama de cercamento de “dádivas gratuitas (água, subsolo e terra)”.

Em dados não atualizados, mas disponibilizados no site do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO), o órgão alerta que cerca de “45% da área do domínio do Cerrado foi convertida em pastagens cultivadas e lavouras diversas”. Já a revista Bioma Cerrado, produzida pela organização World Wildlife Fund (WWF), em 2019, afirma que esta conversão ultrapassa os 50%. Nos sites ligados ao governo brasileiro, não se encontra informações atualizadas sobre os saques ao território Cerrado, mas nota-se a partir da fala do ex-ministro de Meio Ambiente do Brasil, Ricardo Salles, que o governo se mostrou conivente à flexibilização das leis ambientais, no momento pandêmico, ao utilizar da expressão “passar a boiada”. Para Tsoropre (2022, p. 35), ações como estas, pautadas na “lógica neoliberal e baseada na propriedade privada, promoveram novos cercamentos em territórios originários”.

Diante disso, nota-se que a centralidade da disputa presente no território Cerrado está vinculada à produção agrícola, ao extrativismo mineral, assim a disponibilidade das “dádivas gratuitas (água, subsolo e terra)” (GONÇALVES, 2022)

presentes na biodiversidade cerradeira legitimam os usos e apropriações economicistas que ocorrem de forma desigual em Goiás, um fato que se aproxima da análise proposta por Castilho e Chaveiro (2010).

Os referidos autores propõem pensar o Cerrado como um território integrado ao mundo globalizado, apropriado por vetores ligados à ciência, apontando novos usos da biodiversidade cerradeira, fruto das projeções do mercado (RAFFESTIN, 1993) influenciadas pelo papel desempenhado pelo Estado, empresas e o capital moderno.

As vigentes lógicas mercadológicas tratadas, por Castilho e Chaveiro (2010), agilizam as apropriações em ambientes de tempo lento como no Cerrado do nordeste goiano (Chapada dos Veadeiros), região que se apresenta com o potencial turístico por guardar as maiores riquezas naturais do Estado. Logo, resultou no título de Reserva da Biosfera do Cerrado concebido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), mas tal reconhecimento opõe-se à situação de vulnerabilidade econômica na região.

Concordando com o pressuposto, Carvalho (2005) enfatiza que é “a riqueza natural e cultural versus pobreza econômica”. Neste ambiente de Cerrado encontra-se o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, o maior território quilombola titularizado do Brasil, que possibilita pensar o Cerrado a partir das paisagens humanas e seu legado cultural presente nas manifestações religiosas, festas e costumes existentes nas comunidades tradicionais.

Este Cerrado “vivido, percebido e concebido” (CASTILHO e CHAVEIRO, 2010) é também compreendido como sertão por Mendonça (2004) que o enxerga através de camponeses atravessados pela urdidura do capital, marcados pelas relações de trabalho e pelas mudanças ocasionadas nas paisagens rurais a partir das intensivas lavouras comerciais. Mendonça (2004) considera Goiás como um ambiente borbulhante, repleto de possibilidades, ou seja, terra fértil para a “implementação de inovações”. Assim, como consequência deste processo, o autor ressalta a importância de se considerar as pressões sofridas pelos “povos e culturas cerradeiras”, no sentido de estarem expostos a ação de “desconstrução de suas respectivas identidades”.

Ao chamar a atenção para o assédio sofrido pelos povos cerradeiros, Mendonça (2004) dialoga com Lima (2010) e Silva (2010), que compreendem este território antes mesmo da definição Cerrado, pois têm como sujeitos participantes de suas

abordagens, povos indígenas, tendo em vista os Karajá de Aruanã e os Avá-Canoeiro de Minaçu.

O povo das águas e o povo da teia invisível, em tempos distintos sofreram dizimação provocada por políticas de interiorização do país. No momento, possuem seus territórios demarcados, mas não salvos das pressões do capital, ora representado pelos empreendimentos energéticos, mineral, ora pelo turismo.

Este apanhado feito para embasar o leitor sobre as distintas formas de na geografia abordar o território Cerrado, servirá para melhor compreender o que Élis apresentará em sua obra poética, assim a literatura aparece como forma suave de se tratar verdades duras intrínsecas ao cenário onde as narrativas aparecem.

Território na poesia de Élis

As narrativas presentes na literatura Bernardeana apresentam um resgate da memória social, cultural e política de Goiás. Seu olhar atento às vivências de gentes simples faz com que sua escrita evidencie e valorize o popular, e é a partir disso que sua crítica é tecida. Assim o poder político é objeto de análise temporal de Bernardo Élis, desse modo, o autor reconhece nesse poder a atitude colonialista evidenciada na proposta de Haesbaert (2021). Logo, este é o viés para a construção do território na obra de Élis, visto que o poder político que se conhece emana do modelo econômico –colonialista– que ainda mantém suas raízes estabelecidas na sociedade tida e lida pela ciência pós-moderna. Aspecto este trazido em:

Trata-se de lutar contra o processo permanente com que se refazem — e muitas vezes se revigoram — esses princípios cuja origem remonta a séculos superpostos de domínio e expropriação, exacerbados nos últimos tempos por um padrão tecnológico capitalista nunca tão potente em sua capacidade de “colonizar”, ocupar, habitar e apossar-se da natureza e das mais diferentes formas de saber e de ser. (HAESBAERT, 2021 p.11)

O modelo opressor acima mencionado altera as formas de organização dos territórios e as vivências ali estabelecidas, diante do contexto, Élis encontra uma matéria fértil para expor a sua crítica que aparece no poema “O descobrimento”, onde o autor apresenta o choque da cultura invasora, impressa e marcada de forma violenta, ocasionando massacres, dizimação de povos inteiros, como o ocorrido com o povo Avá-Canoeiro na década de 1950, no norte goiano:

O DESCOBRIMENTO

Um tropel maluco
de mil patas
no seio das matas.
Um tiro de trabuco
deu um bruto soco
na quieteza virgem da paisagem.
E homens da cor-de-areia,
vindos da banda do mar,
chegaram à beira do Rio Vermelho,
revolveram-lhe os poços azuis
em que dormiam palhetas cor-de-brasa
e deitaram-lhe fogo às águas claras.
E o velho pajé muito velho,
cabeça branca das cinzas de muitas eras,
num esgar medonho de fera,
gritou: Ananguera, Ananguera!
Os homens da cor-de-areia
bateram e venceram a nação dos Goiás. [...]
(ÉLIS, 1971, p. 13)

O poder em sua pior versão está aí, presente no poema, “calçado na chegada dos colonizadores, representado pelo pensamento do branco europeu — aqui apresentado como homens da cor-de-areia” (BARBOSA, 2021, p. 4)—com sua cultura hegemônica que destroça formas de conhecimento milenares, alteram os modelos de vida ligados a terra, à confluência.

“O descobrimento” contém claras evidências de um processo de dominação e apropriação comum, compartilhado por outros sujeitos que têm sua localização em distintas latitudes e longitudes, assim pode-se comparar a narrativa descrita no poema ao assombro de aborígenes da Austrália, de negros das costas africanas ou do povo Maya ante a chegada de Cortez.

Outra artimanha vil usada pelo poder colonizador, nesse caso o poder econômico representado pelo capitalismo, é varrer o conhecimento tradicional daqueles que lidam com a terra e implantar outros modos que servem aos propósitos da produção seriada, totalmente diferentes e alheios aos modos tradicionais e descompromissados com qualquer costume, fazer ou modo de vida original. Desse modo SILVA e MARQUES (2021), esclarecem:

O modo de produção hegemônico subjuga outras formas de relação sociedade/natureza, que institui “gentes sem-terra e terras sem gentes.” O

presente parece estendido, o futuro nunca chega, o capitalismo perpetua promessas não cumpridas. Nesse bojo, a diversidade cultural e biológica resiste nos interstícios, nas franjas ao avanço da homogeneização e da uniformidade (SILVA e MARQUES, 2021 p. 176).

A atuação do capitalismo provoca consequências irreversíveis na cultura dos povos do Cerrado, restando apenas a memória da ancestralidade para as gerações deste tempo imediatista. Assim, alguns conhecimentos milenares vinculados à prática do plantio, da colheita e do transportar a produção, perdem-se pela carência de fortalecimento das identidades culturais frente a estas forças invisíveis do capital. Abaixo se exemplifica com o trecho do poema “A caça de meu avô” onde Élis (1971) evidencia os vindos dos anos em uma sociedade que demonstra sua modernidade no declínio de uma atividade tão salutar e presente na vivência cerradeira como uso de um carro de boi:

A caça de meu avô
eram carros de bois.
Que paixão besta! [...]
[...] (O chefe nesse dia que o cortasse.)
Até hoje; meu avô vai chispado no Ford do filho,
mas vê um carro de bois,
manda parar e desce.
– Como vai, meu capitão?
Os carreiros todos o conhecem ...
E passa o resto do dia falando em carro,
falando em bois,
falando em coisa antiga
que já ninguém conhece.
(ÉLIS, 1971, p. 16)

O dito progresso que vem re-significar desemboca, por vezes, na criação do núcleo urbano ligado à classe ou grupo dominante, não diferente da maioria das culturas. Na obra de Bernardo Élis, o poder colonizador aparece na criação e manutenção da cidade e nela se manifesta, se personifica, pois carrega a glória dos que a precederam e que segundo Rafesttin (1993) passa a se constituir num conjunto de sistemas sêmicos mediatizadores das relações de poder, e é assim que entra em cena a cidade de Goiás.

GOIÁS

Parece haver fantasma de Bandeiras
passeando pelas ruas estreitas e sombrias,
– as casas baixas se escorando umas nas
outras pela encosta arriba
(Rua da Abadia,
Casa da Pólvora,
Bica el rei...)
Já vai tão longe o tempo
em que a busca do ouro
era a grande ambição!
(Palácio dos Arcos,
dosTávoras, Rua da Fundação...)
copas de grandes cajazeiras
sujando a brancura das calçadas
com o preto frescor das sombras úmidas.
(Águas férreas,
Morro das Lages,
Largo da Força, onde aparecer assombração...)
Parece que vi dois vultos
vestidos de couro,
calçados de botas,
barbudos, grandões,
no escuro do beco
jogando as espadas!
(ÉLIS, 1971, p. 16)

Nesse poema, evidencia-se o significado da existência de Goiás como consagração de um tempo em que as bandeiras andavam pelo chão do Cerrado estabelecendo-se no território do poder. Logo, massacrando os povos originários, escravizando outros de terras distantes e através das múltiplas trocas culturais estabelecendo seus limites e dando as bases para as diversas territorialidades que são perceptíveis na obra poética Bernadeana.

Territorialidades cerradeiras

Para efeito da escrita desse artigo, doravante chama-se de territorialidade cerradeira toda construção que vislumbra o território do cerrado goiano e que na interface da poesia de Bernardo Élis fala das coisas da terra, dos fenômenos da natureza nessas áreas de Cerrado. É desse senso de pertença do eu lírico poético de Élis que partirão os demais desdobramentos desta escrita.

Em diálogo com as versões sensíveis do território Cerrado, as territorialidades presentes na poesia de Bernardo Élis traduzem em suas narrativas a geograficidade presente em experientes vivências nesse rico bioma. A escrita do autor é um mapa convidativo para se embrenhar, é um chamado ao leitor, pois apresenta com facilidade expressões da territorialidade goiana e cerradeira, notada em poemas como o que dá nome à obra:

PRIMEIRA CHUVA

Quentura de noite pejada de nuvens baixas e negras.
Bambos bamboleios de trovão soturno
batendo o tímpano bambo da zabumba do horizonte.
Trovão apagado,
saudoso,
distante.
Depois a chuva em grossos pingos
sobre os telhados,
Na poeira ressequida das estradas,
na terra requeimada das queimadas,
desprendendo um cheiro forte de gestação.
(Mamãe molhava algodão em cachaça canforada
E nos dava para cheirar: cuidado com defluxo!)
Amanhã tudo vai começar de novo:
as folhas voltarão aos galhos secos,
as águas resmungarão nas grotas mortas,
os pássaros do céu hão de cantar no cio...
(E aquela que partiu porque não volta?)
Lá fora uma goteira numa lata pinga,
pinga a pingo,
pengue,
pengue,
numa toada monótona de preta que ninasse.
Pengue,
pengue,
pingo a pingo.
(E aquela que partiu,
Porque não volta?)
(ÉLIS, 1971, p. 11)

O poema acima transcrito além de nomear a única obra poética do escritor é por si só um testemunho da territorialidade cerradeira. “Primeira Chuva” é também a urdidura da visão que o homem do Cerrado tem dos ciclos que fazem a terra gestar, da chuva que lava as sangrias, enche rios, latas, traça uma territorialidade para além daquela simples e básica representada pela Geografia Política. Isto é, trata-se de uma

territorialidade do pertencimento, dos fazeres que constroem estas identidades territoriais e fazem com que cada espaço, cada pequeno lugar, cada hábito se torne um marcador, uma âncora de um povo no espaço -tempo.

A essência dessas marcações de territorialidade está atrelada à relação que os homens têm com a natureza desde sempre, mas que independe dos vínculos políticos, religiosos ou sociais, diante disso, se fossem apagados da existência calendários, cidades e documentos, a relação humana com esses lugares permaneceriam.

Entende-se então que os marcadores dessa relação, homem e terra estão centrados em algo maior do que poder estabelecido nas relações político-jurídicas, de produção material, comercial, pois eles se baseiam no ciclo da chuva, no ranger do carro de boi presente na memória ancestral, no plantar a semente, ver germinar e colher. Gente como Rosa, a roceira a quem Élis faz uma dedicatória no livro dizendo que ela que conhecia dos segredos da chuva, visto que sabia que depois do dia de finados se podia colher todas as mangabas porque já estariam maduras (ÉLIS, 1971) são a prova dessa territorialidade cerradeira que está para além das fronteiras.

Além de Rosa, compartilham desta vivência com a terra os camponeses, os indígenas e os quilombolas que vivem esta relação de forma cosmológica. Aspectos estes presentes no poema “Manhã de entrada de seca” que enche de um brilhante telurismo cerradeiro a obra poética de Elis, da qual transcreve-se um trecho a seguir:

[...] Em cima do telhado a fogo apagou está cantando,
As sariemas no campo gritam como loucas,
O córrego da grotta,
Idiota poliglota
Está tão claro que a gente pode contar os seixos
Do fundo como faíscas de lambaris,
Por perto, o barulhão dos bentevís. [...]
(ÉLIS, 1971, p. 71)

Assim como “Primeira Chuva”, o poema acima mencionado aborda eventos naturais para as gentes do Cerrado e ao mesmo tempo tão alienígenas para outras culturas desses rincões brasileiros. São narrativas carregadas de pertencimento, além de evocarem em quem lê uma memória por vezes adormecida, mas que se desperta diante da leitura.

Essas narrativas plenas da territorialidade cerradeira falam dos grossos pingos d’água sobre o telhado empoeirado, das cinzas das queimadas que sem entrar no mérito

do certo ou errado fazem parte dos costumes dos que ocupam o Cerrado. Ambas mostram o ritual de renascimento que culmina com a chuva e que com ela também termina, é ela que coroa o ciclo pela espera da vida e garante uma nova remessa de vida e sustento para todos os que estão envolvidos na grande teia existencial que jamais escapa da pena de Élis.

Essa pertença ao modo de vida no Cerrado acompanha o eu lírico em todo processo criativo de Bernardo Élis, pois é nesse lugar que ele está inserido e é parte. Isso aparece num dos poemas de “Primeira Chuva” que narra exatamente uma viagem pela qual se atravessa o Rio das Pedras, ali o autor faz uma bela e significativa descrição poética da flora do Cerrado no poema Viagem:

Passei o rio das Pedras:
vi árvores enormes
corcundas retorcidas
cachimbando as copas verdes
numa paz cansada e imutável;
árvores enormes,
raízes agarradas nos barrancos
reflexos verdes nas águas paradas
nas águas que não correm
que não se movem
dêsse rio fleumático e metódico
vadiando por entre as árvores corcundas;
mas não vi pedras.
(ÉLIS, 1971, p. 54)

Mais uma vez o autor demonstra total conhecimento das particularidades cerradeiras, assim como adentra em uma leitura subjetiva da territorialidade a partir do sentimento presente nas narrativas, desse modo, se estabelecem as relações do sujeito com os lugares cerradeiros.

É interessante ponderar que como grupos estamos ligados a sentimentos que possuem um papel geográfico de fazer a ligação entre os homens e seus espaços de vida, assim quando falamos de uma territorialidade de sentimentos queremos nos embasar no sentir/ pensar dos indivíduos e coletivos que norteiam as relações com os espaços compartilhados. É essa Geografia das sensações que com suas novas *práxis* possibilitam inovadoras perspectivas às tradicionais e fazem com que as experiências de análise vinculem-se às vivências dos povos e não somente às suas origens, privilegiando assim o

relacionamento com o lugar mais do que o simples estar e pertencer, como nos afirma Persi (2010):

Sentimentos e emoções formam uma parte importante e integram a vida humana. Tocam a parte menos racional, ou melhor, irracional por excelência, e por isto ignorada pela cultura racionalista do passado (PERSI, 2010. p. 201)

Todo esse sentimentalismo geográfico está arraigado na forma de ver a vida e de agir, o que influencia no ver o mundo, ele se torna o fundamento para escolhas e a organização de tudo aquilo que se entende como necessário à vida e à existência. A poesia de Élis como retrato da vivência dos povos do Cerrado alcança esse desdobramento na vida cotidiana, uma vez que é exemplo eficaz do modo de viver em Goiás. O autor dialoga com o que traz Almeida (2010):

O sentido não é um dado, mas uma elaboração intelectual que o leitor deverá decifrar. O sentido, portanto, deve ser buscado e a pessoa e a vida do autor nos assistem no trabalho de interpretação para limitar ou, pelo menos, balizar o leque de interpretações possíveis.

Entre os geógrafos humanistas a individualidade do autor torna-o soberano no seu papel de revelador ou de intérprete do sentido dos lugares e dos meio sociais onde ele viveu (ALMEIDA, 2010. p. 145).

No espaço do Cerrado, a identidade dos diversos grupos que ali vivem se unem em comunhão e por fim transbordam essa identidade que flui do sujeito na sua relação com o meio e se revela a nós pela escrita do autor. Nas palavras da geógrafa supracitada: O lugar de origem inculca identidade ao indivíduo e ao grupo (ALMEIDA, 2010).

No viés dessa discussão, o lugar do eu lírico de Bernardo Élis é definitivamente o chão goiano e cerradeiro, visto que as suas tramas se dão nesses territórios aqui apresentados, e é neles e pela memória deles que o eu lírico deságua toda a torrente de emoções que calçam a sua obra. É possível ver que o relacionamento do escritor com as minúcias trazidas pelo pertencimento está contido no que ele escreve. Seus textos possuem a verdadeira essência de uma geração que se espelha nos modos de vida e nos fazeres, para por fim retratar de dentro a identidade de um povo no seu vestir, sentir, morar e pertencer, como nesse trecho sutil do poema meio-dia:

[...] Na frescura dos pátios ensombrados,
Abrem-se bocejos baços de cisternas,
Na umidade verdolenga das avencas.
(ÉLIS, 1971, p. 21)

Ou ainda nessas palavras cheias de sentimento de pertença do poema O Rêgo:

Queriam canalizar
As águas pro monjolo
Mas o que abriram foi um rêgo de céu
Agora
A manhã fugiu do céu
E veio morar dentro do açude.
(ÉLIS, 1971, p. 58)

Sejam as velhas cisternas ou os persistentes monjolos, todos são marcas desse território de sentimentos, eles estão ligados de forma íntima com as vivências dos povos do Cerrado. Esses territórios que Borges (2016) tão bem destaca em sua tese de doutoramento, trazendo a acepção por excelência num dos seus trechos do que significam esses símbolos atemporais da forma de morar e sentir o espaço da vida, segundo ele:

Nessa condição, se deu a relação com o lugar da vida, aonde marcas vão se materializando e subjetivando (objetos e comportamentos) como símbolos de uma existência. Tais marcas mais que o ordenamento espacial compõem a paisagem da vida sertaneja em Goiás (BORGES, 2016. p. 106).

Muito se poderia dizer de todas as formas de casar e escrever a geografia da existência no território do Cerrado, mas é impossível esgotar as possibilidades no espaço de que dispõe. Resta então dizer que há necessidade de buscar por vários testemunhos literários escritos nas regiões em que este estudo se embasou, pois como bem disse ANJOS (2017), a literatura oferece temáticas estimulantes para a investigação geográfica, colaborando com o aumento das possibilidades de estudos de uma ciência que, por sua etimologia, ambiciona construir uma escrita {grafia} da terra {geo}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cientes da possibilidade de uma exploração muito maior desse tema considera-se que o desafio de trabalhar a literatura de Bernardo Élis e as questões de território e territorialidades é facilitado pela escrita cheia dessa visão telúrica que encanta. Logo, é na terra goiana e mais especificamente nas regiões de Cerrado onde os

acontecimentos ditados pelo autor se dão na sua escrita poética, que apesar de rara vem vicejante de um telurismo encantador que enche os nossos olhos e sentimentos. Desse modo, na força dessa visão traça os limites reconhecidos pelos termos e ditados pelos eventos naturais para aquilo que chamamos de uma territorialidade cerradeira.

Mais do que somente descortinar seu estilo científico e histórico de fazer literatura, Élis faz renascer no atento olhar do geógrafo um Cerrado que deixa de ser bioma para ser experiência, deixa de ser um complexo ecossistema para ser a fecunda mãe de seus povos e genitora de suas vivências.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

ALMEIDA, M. G. A captura do Cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M.G. (Org.). **Tantos cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia. Ed. Vieira, 2005.

ALMEIDA, M.G. Territórios e Identidades dos Kalunga de Goiás. In: ALMEIDA, M.G. **Território e a Comunidade Kalunga: quilombolas em diversos olhares**. Goiânia: Gráfica UFG, 2015.

ANJOS, M. Breves apontamentos sobre a relação entre geografia e literatura. **Ateliê Geográfico, [S. l.]**, v. 10, n. 3, p. 234–247, 2017. DOI: 10.5216/ag.v10i3.22675. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ateliê/article/view/22675>. Acesso em: 14 out. 2021.

BARBOSA, W. A. Os mesmos becos, outros olhos: histórias, costumes e memória da Cidade de Goiás na obra poética de Bernardo Élis. **Revista Sapiência – Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**. V. 10, nº4, p. 1- 22. Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás. 2021.

BARTOLI, E. Entre o urbano e o ribeirinho: territorialidades navegantes e Sistemas Territoriais em Parintins (AM). **Espaço Aberto**, v. 8, n 2, 2018.

BORGES, Júlio César. **Fazenda-roça goiana: matriz espacial do território e do sertanejo goiano**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BRAGA, H. da C. **A identidade sertaneja em Goiás: um estudo a partir dos elos entre a geografia e a literatura de Bernardo Élis**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal

de Goiás. Instituto de Estudos Socioambientais. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Goiânia, 2009.

CARVALHO, G.L. O turismo no nordeste goiano e a possibilidade de valorização da natureza e da cultura do Cerrado. *In*: ALMEIDA, M.G. (Org.). **Tantos cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural. Goiânia. Ed. Vieira, 2005.

CASTILHO, D.; CHAVEIRO, E. F. Por uma análise territorial do Cerrado. *In*: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Org.). **Cerrados**: Perspectivas e Olhares. Goiânia. Ed. Vieira, 2010.

CHAUL, Nasr F. **Caminhos de Goiás**: da construção da “decadência” aos limites da “modernidade”. Goiânia: Ed. da UFG/Ed. da UCG, 1997.

CHAVEIRO, E. F. Dizibilidades Literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. **Geograficidades**, v. 5, n. 1, 2015.

CHAVEIRO, E. F.; SOARES, F. U.; OLIVEIRA, A. F. de. “O mundão sem porteira”: tópicos da representação de Goiás na narrativa de Bernardo Élis – derivações do Cerrado. **Revista Sapiência**: Sociedade, saberes e práticas educacionais, 2021.

ÉLIS, Bernardo. **Primeira Chuva**. 2. Ed. Goiânia: Editora do Autor Goiano, 1971.

FERNANDES, M. de O. **Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade**: a produção nas teses de Pós-Graduação em Geografia de 2001 – 2011. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Naturais e Exatas do Departamento de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências. Santa Maria – RS, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª edição. Global Editora. 2005.

GONÇALVES, Ricardo J. de A. F. **Mineração e o cercamento das águas do Cerrado**. Disponível em <https://midianinja.org/campanhacerrado/mineracao-e-o-cercamento-das-aguas-do-cerrado/>, acesso 14 de junho de 2022.

HAESBAERT, Rogerio. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”. Buenos Aires, Buenos Aires: CLACSO. 2021.

_____. **Viver no limite**: território e multi/ transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

_____. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. *In*: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Território e territorialidades**: teoria, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009. P. 95 – 120.

_____. **O mito da desterritorialização**: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Des-territorialização e identidade**: a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: Eduff,

1997.

HAESBAERT, Rogerio ; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. Etc: **Espaço, Tempo e Crítica**, Niterói, UFF, v. 1, n. 2, p. 39-52, ago de 2007.

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (**ICMBio**). Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/cbc/conservacao-da-biodiversidade/ameacas.html>. Acesso em 25 de novembro de 2022.

LIMA, S. C. de. Povo Indígena do Cerrado goiano: os Karajá de Aruanã. *In*: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Org.). **Cerrados**: Perspectivas e Olhares. Goiânia. Ed. Vieira, 2010.

MARANDOLA Jr. Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010. 354 p.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudoeste goiano**. 2004. 457 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2004.

MONDARDO, Marcos. **Povos Indígenas e Comunidades tradicionais em tempos de pandemia da covid-19 no Brasil**: estratégias de luta e r-existência. Centro de Estudos Geográficos, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/20364>. Acesso em: 14 jun. 2022.

PINTO, M. P.; DINIZ-FILHO, J. A. F. Biodiversidade no Cerrado. *In* ALMEIDA, M. G. (Org.). **Tantos cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural. Goiânia. Ed. Vieira, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática. 1993.

RATZEL, F. O solo, a sociedade e o estado. **Revista do Departamento de Geografia**, [S. l.], v. 2, p. 93-101, 2011. DOI: 10.7154/RDG.1983.0002.0008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47081>. Acesso em: 14 out. 2021.

REBELO, Péricles Xavier. **Goiás, usos e costumes**. Goiânia: DEC, 1987.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte, DEC, 1937.

SARAIVA, A. J. Narrativa literária: aspectos composicionais e significações in: **Literatura e alfabetização**. Do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001 p. 51 -58.

SAQUET, M. A. **Singularidades**: um manifesto a favor da ciência territorial popular feita na práxis descolonial e contra-hegemônica. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2022.

SILVA, A. C. da. **O pensamento geográfico brasileiro na travessia do século XX para o XI**: o território nas tramas das significações imaginárias. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, FCT- -UNESP-Presidente Prudente, 2010.

SILVA, L. G. Construção do lugar: trajetória dos Avá-Canoeiro do Norte de Goiás *In*: PELÁ, M.; CASTILHO, D. (Org.). **Cerrados**: Perspectivas e Olhares. Goiânia. Ed. Vieira, 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). **Geografia**: Conceitos e temas. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

TSOROPE, C. T. **Pandemia da Covid-19 para o Povo Xavante da aldeia São Marcos (MT)**: Relatos de uma liderança indígena. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiás, 2022.